

P. HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ, SJ

☆ 24.08.1921 – + 23.05.2002

Síntese – Revista de Filosofia expressa seus sentimentos de profundo pesar e autêntica orfandade pelo falecimento em 23 de maio de 2002 — devido a complicações pós-operatórias derivadas de uma cirurgia de próstata — de Henrique Cláudio de Lima Vaz, o Pe. Vaz. Diretor de *Síntese Nova Fase* de 1976 a 1988 e seu co-editor desde então até o fascículo anterior a este, ele foi, ao longo de mais de 25 anos, o principal responsável pela qualidade e prestígio adquiridos pela revista, que notabilizou com uma série de incontáveis editoriais, artigos, notas bibliográficas e resenhas, trabalhos densos e profundos, publicados praticamente em cada um de seus números e reunidos muitos deles em seus “Escritos de Filosofia”. *Síntese* foi o canal privilegiado da irradiação de seu pensamento lúcido e atento em diálogo incessante com a produção filosófica de mais alto nível e com as tendências mais significativas do pensamento e da cultura contemporâneos.

Nascido em Ouro Preto (MG) em 24 de agosto de 1921, filho de Theodoro Amálio da Fonseca Vaz e de Emília Josephine de Lima Vaz, Pe. Vaz frequentou o Colégio Arnaldo de Belo Horizonte e, concluídos os estudos secundários, entrou no noviciado da Companhia de Jesus em 28 de março de 1938. Fez os estudos filosóficos em Nova Friburgo (RJ); marcaram-no profundamente dois professores jesuítas: o físico Francisco Xavier Roser e o humanista Eduardo de Magalhães Lustosa. Terminado brilhantemente o curso de filosofia, foi enviado a Roma em 1945 para estudar teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana. Ordenado sacerdote em 15 de julho de 1948, foi completar sua formação religiosa em Gandia, na Espanha. Voltando a Roma, obteve em 1953 o doutorado em Filosofia pela mesma Universidade com uma tese, escrita em latim, que versou sobre a dialética e a intuição nos diálogos platônicos da maturidade. Depois que voltou para o Brasil, aqui permaneceu até a morte, numa vida recolhida, simples, sem ostentação. Impondo-se um ritmo de trabalho disciplinado e austero, passou na solidão de seu quarto as horas de maior fecundidade intelectual, contatando o mundo inteiro pela leitura sempre atualizada.

De inteligência privilegiada e unindo excelente preparação filosófica ao desejo de ajudar os alunos a descobrir o fascínio da verdade e o método rigoroso do trabalho intelectual, Pe. Vaz atuou ininterruptamente no magistério filosófico universitário durante quase 50 anos, seja na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Nova Friburgo (1953–1963), Rio de Janeiro (1975–1981) e Belo Horizonte (1982–2001), seja nos cursos de graduação, mestrado e doutorado do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (1964–1986), da qual recebeu em 2001, o título de Professor Emérito.

Relativa exceção neste seu teor de vida retirado do contato direto com o grande público foram os primeiros anos da década de 60, quando se tornou, quase à sua revelia, o mentor da Juventude Universitária Católica (JUC) e, posteriormente, da Ação Popular, na sua primeira fase. Neste período de efervescência social e polarização ideológica, as organizações da Igreja, reunidas na Ação Católica, passaram a participar diretamente da atividade sócio-política e a definir-se em face das várias opções ideológicas. Neste cenário agitado e confuso, os artigos de Pe. Vaz sobre a “consciência histórica” tiveram o impacto de uma lufada de ar puro sobre uma geração cristã, que se sentia asfixiada por uma tradição religiosa alheia aos desafios políticos e culturais do seu tempo. Contrapondo-se, por uma parte, a uma visão da realidade fechada ao mundo moderno e, por outra, ao canto de sereia do marxismo a seduzir as inteligências jovens com a proposta de soluções imediatas e radicais, ele soube oferecer uma análise crítica do pensamento marxiano, sem escorregar pela ladeira fácil dos anátemas conservadores. Encarnou uma atitude intelectual firme e aberta ao debate, crítica de todo reducionismo intra-histórico pelo chamado à transcendência, mas igualmente questionadora da posição tradicional pelo mergulho nas águas do pensamento dialético. Através desses estudos e de sua influência, Pe. Vaz marcou decisivamente, na fase que se estende até a Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968), o que se poderia denominar de pré-história da Teologia da Libertação, movimento do qual mais tarde viria, porém, a distanciar-se claramente.

Sua saída de Nova Friburgo em 1964, onde atuou como formador e professor dos jovens jesuítas, esteve ligada ao seu envolvimento nesses acontecimentos, numa atuação nem sempre compreendida acertadamente tanto por seguidores como por opositores. Transferido para Belo Horizonte, encontrou uma acolhida calorosa e um ambiente favorável no Departamento de Filosofia da UFMG, onde iniciou uma nova fase, extremamente fecunda, de seu magistério filosófico e de sua produção intelectual. No clima de repressão que caracterizou aqueles anos, embora tendo de responder a um inquérito policial-militar, finalmente arquivado, Pe. Vaz prosseguiu impávido em sua tarefa de professor e

educador. Nem por isso deixou, solidário e valente, de estar ao lado de seus amigos e antigos discípulos, perseguidos ou exilados.

Para o Pe. Vaz, religião e fé não eram algo extrínseco com o qual se relacionava: nelas vivia e delas se alimentava espiritualmente. Não experimentava conflitos interiores a respeito da compatibilidade entre suas convicções religiosas e sua profissão de filósofo e professor de filosofia, pois desde o início guiara-se pela diretriz de Santo Agostinho “crê para entenderes e entende para creres”. Essa dialética agostiniana entre fé e razão assegurou-lhe uma convivência fecunda entre a fé que professava e a razão que praticava. Seu trabalho filosófico manteve-se rigorosamente dentro das exigências metódicas e doutrinárias da razão, e todas as vezes que atingia as fronteiras onde a razão se encontra com a fé essa linha divisória era explicitamente traçada.

A solidez de sua vasta cultura científica e humanística lhe proporcionou uma visão abrangente da teologia cristã, da história e literatura ocidentais, das ciências humanas e naturais. Extraordinária erudição filosófica lhe conferiu um conhecimento invejável do conjunto do pensamento ocidental.

Radicado na tradição filosófico-teológico-espiritual cristã, longe de rejeitar a configuração racional que as categorias do pensamento grego deram à experiência neotestamentária, reconheceu neste encontro gerador da civilização ocidental um duplo ganho: para a fé, a possibilidade de justificar-se através de um discurso com pretensão universal; para a razão filosófica, a abertura de horizontes insuspeitados para a compreensão da existência humana. Desde sua tese de doutoramento não deixou de aprofundar o estudo da filosofia grega, facilitado pelo domínio desta língua grega que lhe assegurava a familiaridade com a obra de Platão e Aristóteles.. Entretanto, foi em autores cristãos que buscou os elementos básicos de sua construção sistemática. Grande admirador de Santo Agostinho e conhecedor profundo da filosofia medieval, identifica as raízes do pensamento moderno nas correntes responsáveis pela desagregação da grande síntese tomasiana. De fato, seu autor predileto é, sem dúvida, Tomás de Aquino, mestre insuperado, não porque depois dele a problemática filosófica não tenha atingido profundidades antes impensáveis, mas pela lucidez e equilíbrio de sua abordagem das questões fundamentais, ainda hoje capaz de fecundar a reflexão.

A vinculação à metafísica clássica não lhe impediu um vivo interesse pelo pensamento moderno e um diálogo franco com seus principais representantes. Levou a sério seus questionamentos e absorveu criticamente suas sugestões, sobretudo de caráter metodológico, instigado por autores que assumiram o mesmo desafio, como M. Blondel, J. Maréchal, J. Maritain, E. Mounier e Teilhard de Chardin. Exímio conhecedor de

Hegel, comentou-lhe exaustivamente a obra em seus cursos; discutiu também com agudeza as idéias de Marx e de outros filósofos mais recentes. Em sua síntese pessoal, integrou assim elementos antigos, mormente da metafísica e ética de Santo Tomás, e perspectivas renovadoras, com ênfase na dialética hegeliana.

Embora não cedendo às seduções de uma atualidade superficial, nem nos temas nem na linguagem, orientou sua reflexão para a análise da realidade sociocultural contemporânea. A atitude pessoal de fé não arrefeceu seu apreço pela racionalidade crítica, um dos distintivos mais salientes de seu estilo filosófico. Mas o culto da razão não o impediu de perceber e verberar, com crescente vigor, as conseqüências niilistas de sua pretensão a uma autonomia absoluta. Nesta linha situam-se suas profundas considerações sobre a crise da modernidade sob os aspectos filosóficos, éticos, políticos e religiosos. Tomou assim claramente posição no debate de idéias a respeito do sentido transcendente da existência humana e dos rumos de nossa civilização.

O estudo e a produção científica no campo da filosofia, fruto de trabalho metódico e perseverante, e, mais ainda, seus cursos e a orientação de tantos alunos e alunas, constituíram a rotina de sua longa vida. Mas a motivação, a paixão que animou tal rotina e, rompendo com os padrões ordinários, elevou-a às alturas de um testemunho singular, foi o amor à verdade, consubstanciada na pessoa daquele que se revelou para todo ser humano como o caminho, a verdade e a vida. Amor que se traduziu no empenho em ajudar a todos a fundar a própria vida nesta verdade que liberta.

Autêntico mestre, Padre Vaz oferece-nos na sua “Antropologia Filosófica”, na sua “Ética” e na sua “Metafísica”, reunidas nos vários volumes de seus “Escritos de Filosofia”, a reflexão de um pensador original, o fruto maduro de uma longa meditação:

Antropologia filosófica I contém uma parte histórica — a sucessão dos modelos conceituais com que a tradição filosófica ocidental expressou sua reflexão sobre o homem — e a primeira seção da parte sistemática — as estruturas fundamentais do ser humano. “No estágio atual de nossos conhecimentos, um imenso horizonte de saber envolve o objeto-homem, desdobrando em múltiplas direções e aprofundando no sentido das explicações fundamentais a pergunta inicial ‘o que é o homem?’. A Antropologia filosófica se propõe encontrar o centro conceptual que unifique as múltiplas linhas de explicação do fenômeno humano e no qual se inscrevam as categorias fundamentais que venham a constituir o discurso filosófico sobre o ser do homem ou constituam a Antropologia como ontologia”.

Antropologia filosófica II contém as seções 2 — as relações fundamentais do ser humano — e 3 — a unidade fundamental do ser humano

— da parte sistemática. “Como unidade, o homem é pessoa. A pessoa aparece, assim, como ato total, que opera a síntese entre as categorias de estrutura e as categorias de relação por meio de seu desenvolvimento existencial, ou seja, de sua auto-realização. A idéia de um humanismo personalista é, portanto, a palavra final da Antropologia filosófica”.

Escritos de Filosofia I: Problemas de fronteira reúne alguns escritos publicados entre 1963 e 1984, em continuidade aos textos recolhidos em *Ontologia e História* (São Paulo, Duas Cidades, 1968, republicado como *Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História*, São Paulo, Loyola, 2001). Os temas são agrupados em torno a três seções — A herança teológica do pensamento moderno; Teologia e sociedade; e Teologia e linguagem — e tratados no território de fronteiras incertas entre filosofia e teologia. Os textos estão unidos entre si pelo tema do *intellectus fidei*, ou seja, “pela resposta sempre renovada ao desafio lançado à inteligência cristã para dar razão das certezas da fé com as razões com que o homem tenta fundamentar suas precárias certezas existenciais e históricas”. Trata-se de uma problemática que nenhum pensador sério pode ignorar no momento de pensar e descobrir os verdadeiros caminhos para a humanização do homem moderno. Em 1988 mereceu o prêmio da ANPOF/FINEP como um dos melhores livros de filosofia do Brasil.

Escritos de Filosofia II: Ética e cultura compõe-se de três capítulos inspirados na introdução de um curso de Ética Geral, de outros dois que retomam, refundem e ampliam artigos publicados na *REB* em 1974 e 1977, e de seis anexos reproduzindo textos publicados de 1974 a 1987 na revista *Síntese*. Os textos estão ordenados em torno de um mesmo tema central: o problema das relações entre Ética e cultura, ou da origem e do destino da Ética na cultura ocidental. Descrito o labor filosófico de transpor os costumes e as crenças nos códigos discursivos do *logos* epistêmico, e detectado o afã de demolição dos alicerces do edifício ontoteológico erigido pela civilização do Ocidente, o Autor se pergunta: “uma civilização que celebra a Razão, mas abandona a Metafísica e a Ética é semelhante, para lembrar uma comparação de Hegel, a um templo sem altar; que outro destino lhe resta senão o de tornar-se uma *spelunca latronum* (Mt 21,13)?”

Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura reúne escritos publicados na revista *Síntese* de 1990 a 1996, submetidos a modificações e acréscimos redacionais. Os textos enfileirados em volume estão organizados em três seções — Filosofia e cultura; Filosofia e civilização; e Filosofia e transcendência — a partir da perspectiva comum do tema abrangente da cultura intelectual. O autor analisa a relação paradoxal e problemática da própria filosofia com a cultura em geral, reflete sobre três componentes do conceito de civilização — *ethos*, sentido

e linguagem — e examina, em sua significação primeiramente histórico-cultural e depois metafísica, a idéia de transcendência.

Ante o paradoxo da crescente produção de bens materiais e simbólicos, que atestam a passagem do mundo da natureza para o da cultura, e o progressivo esmaecer das constelações de valores espirituais, levanta-se a onda ética atual. A *Introdução à Ética Filosófica*, do Pe. Vaz, insere-se no contexto da reação provocada por essa crise espiritual sem precedentes na civilização ocidental, sinalizada pelo fato de serem os estudos sobre Ética os que mais rapidamente crescem na bibliografia filosófica contemporânea.

Escritos de Filosofia IV — Introdução à Ética Filosófica I situa a Ética no panorama atual da Filosofia e das Ciências Humanas e estabelece sua especificidade; rememora, em estilo hegeliano, os grandes modelos do pensamento ético ao longo da história da Filosofia ocidental; e apresenta uma reflexão sobre como estruturar a categoria fundamental da Ética.

Escritos de Filosofia V — Introdução à Ética Filosófica II expõe sistematicamente os princípios e categorias fundamentais que estruturam a Ética como ciência do *ethos*, e verifica teoricamente essa categoria conceptual, desenvolvendo-a num discurso cuja unidade obedece a um princípio unificador: a práxis humana na forma de razão prática e regida por invariantes ônticos que a constituem como tal.

Embora o campo de reflexão seja a Ética Geral, tendo por objeto os fundamentos do saber ético, não se trata de mais um compêndio, mas de uma reflexão histórico-sistemática sobre os temas e problemas fundamentais da Ética filosófica.

Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História, reedição, como se disse, de um livro de 1968, reúne artigos publicados — com exceção do último capítulo “O absoluto e a história” — em diversas revistas ou anais de congressos, com interesse sobretudo documentário: referir-se a uma fase da história da Filosofia no Brasil, inaugurada com o I Congresso Brasileiro de Filosofia (São Paulo, março de 1950). A ordem cronológica na disposição dos artigos permite escolher um título que exprime um roteiro de pensamento. O centro da reflexão desloca-se progressivamente dos temas da ontologia clássica para o terreno da filosofia da história “na hora em que assumir a responsabilidade plena de *fazer a história* se constitui no risco maior e no desafio supremo para o homem”.

Escritos de Filosofia VII: Raízes da modernidade desenvolve a hipótese de que a chamada *modernidade*, entendida como universo simbólico das razões que configuram, a partir do século XVI, uma nova idade na história intelectual do Ocidente, encontra algumas de suas raízes, sobretudo as de natureza metafísica, nas controvérsias doutrinárias de fins do século XIII. A história das idéias é posta, pois, a serviço

de uma leitura interpretativa e crítica da modernidade. É leitura exigente, não se pode negar, mas feita a sua travessia, o leitor se encontrará, certamente, com uma nova compreensão de sua época e poderá desfrutar da serena alegria da inteligência.

A extensa obra científica do Pe. Vaz no campo da filosofia ocupa posto de absoluto destaque no cenário filosófico brasileiro. Poucos como ele têm logrado reunir em torno de si e de suas idéias uma plêiade de discípulos tão numerosos e devotados, muitos dos quais têm hoje uma presença significativa no meio universitário. Seu pensamento tem sido objeto de teses e estudos monográficos. Seu nome e a análise de sua obra têm um lugar assegurado nas publicações nacionais e internacionais dedicadas à filosofia no Brasil. Suas idéias e sua personalidade fizeram dele talvez o representante mais destacado e o interlocutor mais respeitado, nos meios intelectuais e universitários do país, do pensamento de inspiração cristã. Ainda recentemente não só foi incluído entre os 16 entrevistados pelos autores do livro *Conversa com filósofos brasileiros* (São Paulo, Editora 34, 2000), mas também é citado por vários deles entre os três ou quatro maiores expoentes da filosofia brasileira na atualidade.

Pe Vaz terminou sua produção intelectual escrevendo um último livro sobre as raízes da modernidade. Nunca se iludiu diante da sedução agradável de dizer-se moderno, sem dar-se conta das armadilhas de um pensamento intrinsecamente imanentista. Tinha bem claro o horizonte do Absoluto, da Transcendência: à sua luz pensava a realidade contingente. Nem se enfurnou num transcendentalismo a-histórico e desencarnado: o mistério da Encarnação foi sempre a matriz fundamental de seu pensar filosófico e cristão.

Mais que um puro intelectual, Pe. Vaz foi, na verdade, um homem de fé, um sacerdote, consciente de sua missão na Igreja, como membro da Companhia de Jesus. As vaidades acadêmicas nunca o seduziram. Ao contrário, embora fosse sensível aos gestos de reconhecimento, sempre se mostrou avesso a homenagens e solenidades. Com uma disponibilidade a toda prova, simples e cativante, acolhia todos aqueles, personalidades destacadas no campo universitário ou iniciantes nos caminhos do pensar, que o solicitavam, pessoalmente, por carta ou por telefone, para enriquecer-se com suas reflexões ou com os conselhos de sua sabedoria e experiência, não só no terreno intelectual, mas também a respeito de problemas existenciais e religiosos. Para quantos abriu horizontes promissores de pesquisa pessoal! Quantos encaminhou até concretamente com seu apoio e recomendação na carreira acadêmica! Quantos enfim encontraram através dele um novo sentido para suas vidas!

Com efeito, ao lado de sua atividade filosófica, Pe. Vaz nunca deixou de dedicar-se ao serviço pastoral do povo de Deus. Entre outros minis-

térios, celebrou regularmente nos últimos vinte anos a Eucaristia dominical na Paróquia de Cristo Operário, na periferia de Belo Horizonte. Conjugando razão e fé, sabedoria e virtude, simplicidade e solicitude fraterna, ele ofereceu a seus companheiros de ordem religiosa e a todos os cultores da filosofia no Brasil o exemplo de alguém que cumpriu com admirável fidelidade e perseverança, inteligência e criatividade, a missão de serviço, assumida na fé, através das mediações institucionais da Igreja Católica.

Com coragem intelectual, Pe. Vaz não hesitou em propor e repropor, para nossos tempos de incertezas e renovadas aspirações, o humanismo teocêntrico como itinerário para a realização plena do ser humano em sua existência pessoal e social. Ante os impasses teóricos e culturais resultantes do encerramento da razão humana no âmbito da imanência histórica, esse modo de filosofar de inspiração cristã mas aberto a todos os horizontes do pensamento há de representar, assim o esperamos, um estímulo poderoso na busca da conciliação entre história e transcendência.

Danilo Mondoni
Editor